

NAIFA LANÇAM "CANÇÕES SUBTERRÂNEAS"

# Fado da frente

DIFERENTES PERCURSOS MUSICAIS E TENDÊNCIAS ORIGINAM  
UMA ABORDAGEM PROGRESSIVA DA MÚSICA NACIONAL



EUGÉNIO CIOTTA NEVES

**PARA OS NAIFA** "é sempre difícil estabelecer objectivos definidos quando se parte para a elaboração de um disco", o grupo tentou superar-se a si próprio. As músicas deste trabalho reflectem o respeito pela sabedoria e qualidade da música tradicional portuguesa mas, ao mesmo tempo, explicitam a vontade experimentalista deste grupo de músicos.

A banda afirma que sempre trabalhou à volta de uma ideia da música portuguesa e o projecto surgiu naturalmente.

A última incursão musical dos dois artistas Luís Varatojo e João Aguardela, foi o projecto Linha da Frente, de seguida os dois artistas partiram para a criação dos Naifa. A fadista Mitó entrou no projecto dando a voz característica do estilo musical que faltava.

Confrontados com o conceito de redefinir as fronteiras do fado, os Naifa recusam essa catalogação. "Nunca foi nosso objectivo reinventar o fado."

A sonoridade deste álbum mostra as raízes da música tradicional portuguesa onde ouvimos guitarras acústicas nacionais e percebemos uma ambiência de bairros rústicos do nosso país.

Aliado a este pendor musical tradicionalista, encontramos também sons electrónicos com o uso de alguns sintetizadores e samplers. Contudo, para o grupo, esta sonoridade electrónica não caracteriza a sua música ao ponto de ser classificada como tal.

A música electrónica para o grupo "teve um papel puramente instrumental" para dar ambiente às canções. "Não somos uma banda electrónica."

Para os Naifa a criação musical foi feita sem ideias pré-definidas que res-

tringissem o próprio processo. "Como músicos portugueses quisemos apenas fazer a nossa música."

O grupo reconhece que a face mais visível da música portuguesa ainda é o fado e foi nessa perspectiva que tentaram abordar todas as sonoridades nacionais caindo necessariamente numa abordagem à música de Amália e tantos outros artistas portugueses, visto ser este "um disco de música portuguesa".

Em termos de produção, os Naifa realçam que tiveram sempre liberdade criativa.

Este disco foi feito do início ao fim de modo independente e só depois mostrado às editoras.

Não quiseram tornar demasiado complexo o seu disco logo apenas utilizaram guitarra portuguesa, baixo, bateria, voz e uns traços de electrónica. "Tentamos fazer música com poucos instrumentos."

A escolha do repertório para as canções recaiu sobre poetas portugueses contemporâneos e realçam a boa aceitação por parte dos diversos autores a quem foi solicitada a permissão de utilizar as suas letras.

O facto deste trabalho reunir música tradicional, que atrai um determinado público, e, por outro lado, ter influências modernas electrónicas, para o grupo deveria ser atractivo.

Contudo, os Naifa concluem que o facto de serem músicos portugueses implica uma desvantagem em termos de aceitação do público. "Como somos uma banda portuguesa vamos ser menos assimilados."

A banda já fez a inauguração do seu primeiro trabalho no Teatro Ibérico e tem agendados concertos, nomeadamente na Feira do Livro de Lisboa. |